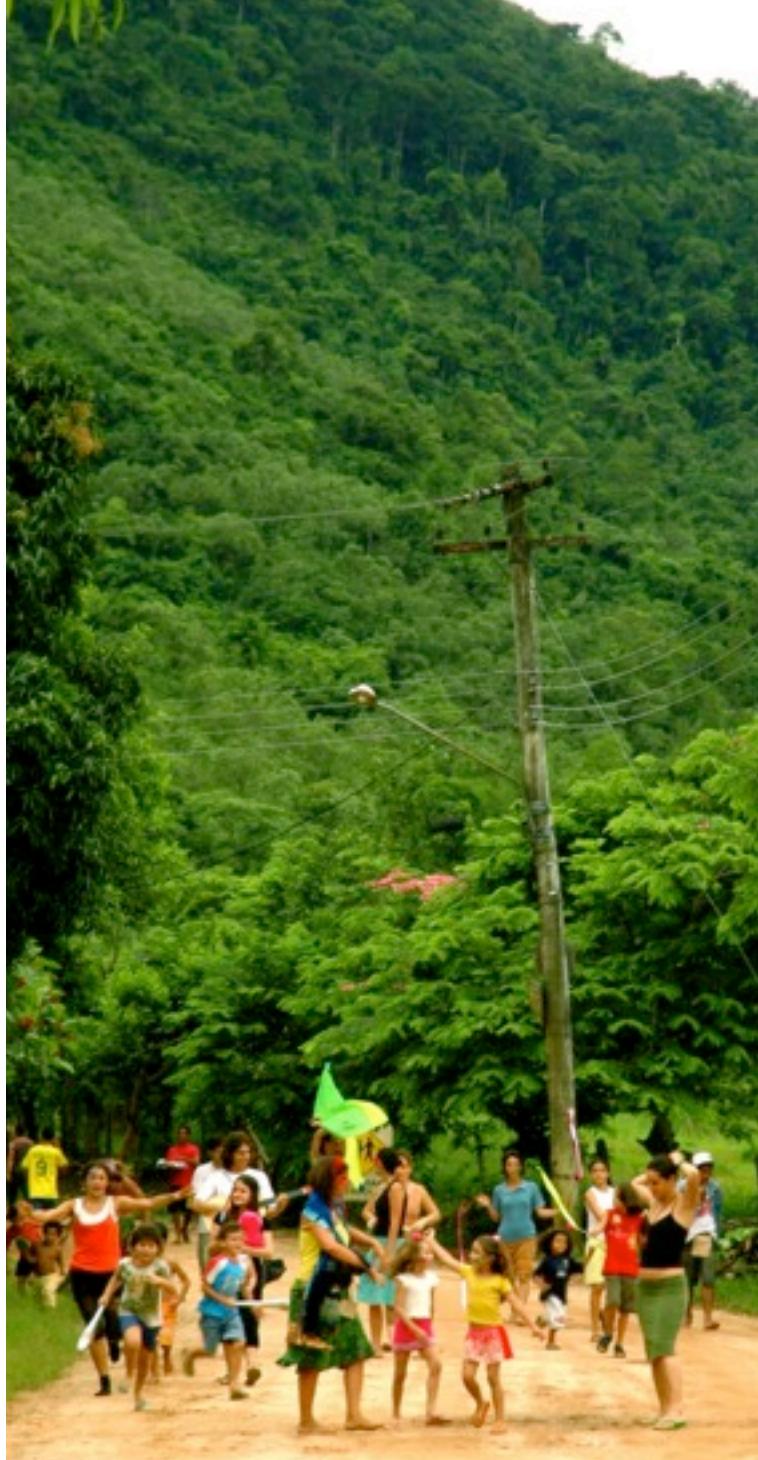




E S C O L A
D A M A T A A T L Â N T I C A

Centro de Estudos de Plantas Medicinais, Agroecologia e Cultura Livre



ALDEIA CULTURAL, 2006

Foto: Tainá Del Negri

Sumário

Apresentação	1
Contato	1
Resumo do Projeto	1
Grupo Gestor	1
Investimento	3
Ponto-Chave	4
Atividades Realizadas	5
Referências	8

Apresentação



Resumo do Projeto

A Escola da Mata Atlântica é um projeto-piloto de eco-educação, que busca através do diálogo entre conhecimento tradicional e conhecimento técnico-científico, uma perspectiva sócio ambiental. A cultura é o principal meio de introdução e resgate de formas ecológicas favoráveis à melhoria ou manutenção da qualidade de vida local. A formação de redes de produtores, a pesquisa sobre a história comunitária, os costumes, as lendas, as brincadeiras e locais de memória fazem parte de uma estratégia de trabalho em que a vida no campo possa ser revalorizada. Novas propostas de formação profissional, através de cursos e oficinas são desenvolvidas a partir da problemática do êxodo rural, realizando em acordo com a proposta do Ministério do Desenvolvimento Agrário que prevê a criação de escolas agroecológicas de acordo com os biomas brasileiros, gerando acesso e qualificação de profissionais na área ambiental

Grupo Gestor

O grupo gestor é formado por moradores nativos e/ou residentes, estudantes e profissionais já graduados em áreas afins como Ciências Sociais, História, Geografia, Jornalismo, Artes Cênicas, Produção Cultural, Engenharia Florestal e Botânica, da UFRJ, UERJ, UFF e UFRRJ e com o tempo espera-se que mais profissionais de outras áreas do conhecimento juntem-se ao projeto. Alguns do grupo já possuem experiências em Hortas Comunitárias, Agroecologia, Saúde Alimentar, Manejo Participativo de Comunidades Tradicionais, Alfabetização de Adultos, Difusão dos Softwares Livres, Resgate de Cultura Popular, Regeneração de Áreas Degradadas, Implementação de Viveiros Florestais e Formação de Redes.

A participação de todos é autônoma e voluntária.

Contato

escoladamataatlantica@gmail.com

Coordenação:

Julia Grillo Botafogo, produtora cultural – UFF

(021) 81244711 juliabotafogo@gmail.com

Tainá Mie Seto Soares, historiadora – IFCS/UFRJ

(021) 2551-0324 ou (021) 97845516 tainamie@gmail.com

Tadzia de Oliva Maia, jornalista – UERJ

(021) 2540-6102 taydziamaya@gmail.com

Visão

No município de Silva Jardim, na divisa com o município de Casimiro de Abreu, se encontra a vila de Aldeia Velha. Nesta, diversos fatores contribuem para o desenvolvimento de projetos educativos ligados ao meio ambiente e a cultura popular. Em primeiro lugar, o grau de conscientização ambiental e receptividade dos moradores, depois, a longa ação dos ambientalistas da RPPN Bom Retiro de reintrodução do Mico Leão Dourado. Esses fatores se aliam à presença da maior concentração de RPPN's, Reservas Particulares do Patrimônio Natural, do estado do Rio de Janeiro e a proximidade de uma Reserva Biológica, a de Poço das Antas, bem como sua divisa com assentamentos de reforma agrária, onde projetos de agroecologia vêm sendo introduzidos.



A Escola da Mata Atlântica visa:

- σ Capacitar os próprios moradores para a gestão coletiva da EMA, através da valorização dos conhecimentos tradicionais, noções de cidadania ecológica, formação de redes e melhoria da qualidade de vida;
- σ Difundir técnicas pedagógicas como as de Paulo Freire, Freinet, Waldorf e José Pacheco;
- σ Ser um centro de estudos focado na pesquisa, extensão e formação de profissionais na área ambiental;
- σ Construir um banco de sementes caboclas, a Casa das Sementes Livres, com laboratório e videoteca;
- σ Realizar um diagnóstico rural participativo com a comunidade;
- σ Trabalhar a transição agroecológica na região, valorizando o conhecimento etnobotânico e o cooperativismo;
- σ Assegurar a continuidade das ações do "Aldeia Cultural" (I Mostra de Conhecimento Tradicional de Aldeia Velha), e da "Rede de Produtos";
- σ Trabalhar a pesquisa, o uso de plantas medicinais e a produção de produtos fitoterápicos no Posto de Saúde;
- σ Construir uma biblioteca comunitária, através da sistematização e incentivo às pesquisas sobre a história, cultura e práticas agrícolas;
- σ O resgate da identidade histórico-cultural e as tradições locais, sobretudo através da troca de conhecimento entre os mais velhos e os mais novos;
- σ Introduzir a informática através do uso do laboratório de software-livre da Escola Municipal de Aldeia Velha;
- σ Introduzir linguagens audiovisuais, de exibição e produção;
- σ Desenvolver um sistema de monitoramento e avaliação do projeto assegurando sua continuidade.

Investimento

A Escola mesmo já tendo recebido financiamentos em dinheiro e através de doação de equipamentos e materiais, tende a ser sustentável com o decorrer do projeto, já que irá contar com projetos de áreas modelo de produtos medicinais, hortas orgânicas de valor agregado, construção de viveiros florestais, reflorestamentos, produção audiovisual, videoteca, produção bibliográfica, feiras, venda de sementes, selos solidários e de produção familiar. É importante ressaltar que a participação nos cursos oferecidos pela Escola da Mata Atlântica será livre e gratuita durante todo o decorrer do projeto, da implantação ao término, se este ocorrer. A democratização do conhecimento é a principal meta do projeto, principalmente expandindo os projetos universitários extensionistas.

A Escola da Mata Atlântica não tem fins lucrativos e busca o reconhecimento do governo federal como estabelecimento de ensino técnica agroecológico, reconhecida a carência de instituições desse tipo no país. Na continuidade do projeto, a EMA se inscreverá nos programas de governo para viabilizar suas ações. Um dos editais previstos é o de Ponto de Cultura, do Ministério da Cultura, também no Programa Nacional de Extensão Rural e Assistência Técnica do Ministério do Desenvolvimento Rural e em entidades não-governamentais compatíveis com a proposta do projeto caso estas não recebam financiamento de instituições poluidoras como a Fundação Ford, a Souza Cruz e a Shell. Buscam-se parceiros coerentes com a proposta de transição agroecológica de poluentes para não poluentes, buscando primeiro apoio governamental.

Parceiros e Apoioadores



Ponto-Chave

A agricultura, uma das principais atividades econômicas da região, vem ao longo dos anos sofrendo uma desvalorização cultural, bem como as práticas e conhecimentos ligados à terra. Essa desvalorização cultural se deve principalmente à influência da cultura urbana, que afasta os jovens do contato com os mais velhos, guardiões do conhecimento ambiental.

Desse modo, a relação cultural intrínseca homem-natureza que se manifesta nos locais de memória – suas histórias e personagens – também é deixada de lado, provocando um desenraizamento cultural. Isso se reflete na identidade da comunidade e nas mudanças de seu contato com o território. Assim, os jovens não encaram mais o território comunitário como capaz de prover sua necessidade de reprodução econômica e têm que buscar nas cidades vizinhas oportunidades de emprego no setor de serviços pouco qualificados.

Outro desdobramento dessa desvalorização é o uso de agrotóxicos e pesticidas nas plantações. As técnicas tradicionais de plantio, como a roça consorciada e o manejo natural de pragas vêm sendo substituídos por produtos industrializados.

Por isso, a EMA pretende trabalhar o resgate cultural através das formas tradicionais de relacionamento da comunidade com o território, sendo a agricultura o meio privilegiado para tal objetivo. A disseminação da agroecologia e da produção orgânica, ou seja, sem agrotóxicos é uma das diretrizes desse trabalho, uma vez que une conhecimentos já presentes nas antigas formas de cultivo com a recente valorização desses produtos no mercado consumidor.

Isso está em conformidade com a transição agroecológica proposta pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário, onde é previsto que a agricultura familiar se torne de matriz agroecológica, já que os níveis de poluição no campo colocam em risco pequenas comunidades.

Dentro da perspectiva de melhoria da saúde da população local, a EMA estimula a conservação, o estudo e o cultivo de plantas medicinais como forma de viabilizar o acesso às formas de tratamento naturais e sem patentes. O uso de plantas medicinais resistiu na comunidade, apesar de também estar sendo abandonada pela desvalorização dos conhecimentos tradicionais. Essas formas de cura são uma resistência cultural que afirma existirem conhecimentos locais capazes de solucionar questões como a da saúde sem ter depender totalmente dos métodos da urbanidade. Entretanto, esses métodos devem ser pesquisados, catalogados e complementados com técnicas contemporâneas para que o uso dessas plantas possa ser enquadrado nos parâmetros do SUS, Sistema Único de Saúde, que já os utiliza na sua rede pública de postos de saúde.

Por fim, o que une e dá sentido a todas essas ações é a ideia da democratização do conhecimento. Na contemporaneidade, o

mundo assiste ao embate entre a propriedade intelectual e a cultura livre, entre as patentes e as restrições à livre circulação de informações de um lado e ao crescimento de comunidades defensoras da inteligência coletiva de outro.

A EMA quer firmar-se como um Centro de Estudos público, onde o conhecimento não seja tratado como mercadoria, mas como material comum da humanidade, servindo ao desenvolvimento e autonomia dos povos. Por isso, apropria-se dos conceitos de copyleft, contrapondo-se aos direitos reservados do copyright, de generosidade intelectual e conhecimento coletivo.

Com a expansão dos saberes e a facilitação da circulação de informação, a EMA acredita estar dividindo os problemas e assim agregando inteligência em suas soluções. A cultura livre, sem barreiras monetárias e sem discriminações, pode fortalecer a sustentabilidade de uma comunidade, que pode também se tornar um pólo de expansão dessa cultura agroecológica. A proposta é repassar o conhecimento adquirido durante anos de vida acadêmica de forma a quebrar o ciclo vicioso de educação superior separada do ensino de extensão, favorecendo a comunidade.



Atividades Realizadas

A) Reuniões Comunitárias

Os encontros servem para uma articulação interna que busque ações conjuntas para a troca de informações e implementação de projetos em comum, discutindo barreiras e oportunidades. As rodas de conversas são um dos instrumentos para mobilização, que cria discussão, envolve comunidade e revela líderes.

B) Mapeamento Histórico Cultural

Através de diagnóstico participativo (entrevistas, em profundidade, com os moradores) e pesquisa de acervo, registros municipais. Foram levantados dados relativos à cultura local: resgate histórico, festas folclóricas, cantigas, celebração religiosa, eventos culturais, produtos locais, atrativos naturais, matrizes endêmicas, artistas, produtores e personagens da cultura local. Levantamento de dados sócio-culturais, ambientais, do patrimônio material e infra-estrutura, não apenas do que existe atualmente como o que já existiu. Ou seja, identificação das principais demandas/potenciais para conduzir as ações do projeto e reconhecimento dos líderes.

C) Rede de Produtores, Agricultura Familiar e Turismo Cultural

A construção da Rede consiste no cadastro (nome, observações, estilo, contato) dos produtores (artesãos, artistas, agricultores e outros), identificando estilo, características, técnica e especialidade (dificuldade para as suas criações). O cadastro tem o intuito de organizar e estimular a produção, revelar potenciais. A partir das informações coletadas, serão elaboradas placas para identificação das casas desses produtores e selos para os produtos. O objetivo da colocação das placas é fazer com que se reconheça a história e a cultura de cada produtor, criando assim uma identidade comunitária. O intuito é criar relações e gerar alternativas de sustentabilidade e desenvolvimento sócio-econômico.

D) Mapa Emico

A partir de lápis de cor, cartolina e um mapa de referência da cidade, o mapa é construído coletivamente a partir dos conhecimentos da comunidade. Ele leva em conta não apenas o relevo, mas também os usos dos sentimentos, tudo que os moradores acham importante. O mapa emico de Aldeia Velha contém dados históricos, lendas, árvores, bichos. Os principais objetivos do mapa são dois. O primeiro é valorizar o conhecimento tradicional sobre seu território como forma de fazer um resgate cultural. O segundo con-

siste em compreender as representações espaciais da biodiversidade, principalmente das casas dos produtores, relacionadas diretamente com a cultura local de modo a funcionar como um circuito alternativo, colaborando para o turismo participativo.

E) “Aldeia Velha e suas Raízes

O documentário valoriza o conhecimento mais “tradicional”: o resgate da história do lugar, as lendas, as brincadeiras, os modos de vida da roça e, as mudanças e melhorias do ponto de vista ambientalista. Explicitando na tela imagens de um lugar cheio de mistérios e riquezas, com potenciais até então desconhecidos. O enfoque está na voz da comunidade, aqueles que fazem Aldeia Velha ser o que é.

O filme se propôs a importância estratégica da possibilidade dos moradores estarem tornando-se agentes socioculturais de seu município, fazendo uma leitura sobre sua identidade e a forma pela qual se relacionam com seu território. Uma outra abordagem foi a conscientização de que eles são os personagens principais que constroem e contribuem para a manutenção da história cultural e ambiental de Aldeia Velha. Líderes locais participaram ativamente da construção do documentário sugerindo histórias, personagens, lugares, escrevendo idéias e ainda pegando na câmera e fazendo imagens que fazem parte do filme. Além disso, ele fortaleceu o sentimento em cada morador da importância de se valorizar a manutenção dos saberes “tradicionais” da localidade, estimulando-os, enquanto produtores de conhecimento.

F) Aldeia Cultural: Mostra de Conhecimento Tradicional de Aldeia Velha

A idéia é unir cultura, consciência ambiental e práticas sustentáveis de convivência, estimulando desde o primeiro momento a troca e a reciprocidade entre comunidade local e visitantes. O evento vem para mobilizar, conscientizar e integrar ainda mais os membros da vila, fortalecendo assim a identidade “Aldeia Velha”. Além de exposição, circo, brincadeiras e shows, a mostra reuni toda produção local e do entorno. Através oficinas e palestras, possibilita a troca de conhecimento, a criação de multiplicadores que venham suprir boa parte de suas demandas, preservando as riquezas naturais e histórico-culturais de Aldeia Velha. É um evento gratuito, aberto à comunidade, amigos e visitantes.

G) Calendário

Um produto de grande sucesso do projeto é a confecção de um calendário, com fotos, desenhos e informações fornecidas por alguns moradores.

H) Cine Mata Atlântica

Projeção de filmes independentes em uma tela gigantes nas ruas da Vila. Forma alternativa e barata de acesso à cultura. Cópias dos filmes exibidos são doadas por alguns realizadores. Formando assim uma videoteca na comunidade.

I) Banco de Semente Livres, Viveiro Florestal e Horta de Plantas Mediciniais Comunitarios

Construção de uma casa de pau a pique para armazenar, trocar e distribuir plantas medicinais, mudas florestais e sementes livres, sem modificações genéticas e sobre as quais não incida nenhuma patente. Para a população é uma forma de resgatar suas práticas agrícolas, que são igualmente culturais, e reintroduzir as roças consorciadas nas famílias, livres de agrotóxicos, uma vez que o plantio é todo agroecológico. O banco de sementes além de beneficiar a comunidade circunvizinha vai atuar agregando conhecimentos fundamentais para a formação de sujeitos autônomos, responsáveis pelo cuidado com seu próprio corpo, contribuindo

do não só para sua própria saúde, mas também para a melhoria do meio ambiente.

J) Projeto Pedagógico

Adequado ao PCN e aprovado da Secretaria de Educação de Silva Jardim tem como objetivo principal transformar a casa de sementes livres em um tema transversal dentro da Escola Municipal Vila Silva Jardim, no distrito de Aldeia Velha (Silva Jardim - RJ). O funcionamento do banco ocorrerá cotidianamente dentro das atividades curriculares de forma a envolver os alunos em atividades que busquem a cooperação e criem uma relação aprofundada entre escola e sociedade através de situações práticas, como por exemplo, a troca das sementes e a catalogação da mesma no computador. Ao receber o agricultor o aluno estará desenvolvendo a sociabilidade a partir do diálogo. Ao escrever sobre a origem do agricultor e suas sementes ele estará ao mesmo tempo trabalhando conteúdos de diversas disciplinas, como português e história. Na catalogação o educando estará utilizando outro recurso tecnológico e aprendendo simultaneamente a trabalhar outras linguagens.

K) Laboratório de Edição

O Banco de Sementes será equipado com um laboratório de edição em software livres para catalogação e edição de filmes pelos moradores.



Rede de Produtores Rurais, Agricultura Familiar e Turismo Cultura



Aldeia Cultural: Mostra de Conhecimento Tradicional de Aldeia Velha



Mapa Emico



Aldeia Velha e suas Raízes Doc 45min



Banco de Sementes Livres



Calendário 2008

Agroecologia, Agrofloresta e Permacultura:

Estes são termos contemporâneos para formas muito antigas, indígenas na sua maioria, de trabalhar com os recursos do meio ambiente. Essas raízes se mantiveram na cultura popular tradicional, através da oralidade, nas formas de manejo florestal e nas formas de plantio dos roçados policulturais consorciados. A partir da década de 60, essas formas foram sendo pesquisadas por cientistas, na busca por uma agricultura mais harmoniosa com o meio ambiente, que apresentasse menos risco para a saúde humana e do planeta. Pesquisadores como Miguel Altieri e Bill Mollison viajaram por diversos países buscando nas culturas indígenas técnicas que eram utilizadas há milênios sem alterar drasticamente o ecossistema e capaz de gerar uma auto-sustentabilidade desses povos. Como estes eram capazes de controlar as pragas e a escassez das colheitas se o roudap, assim como os fertilizantes químicos eram tão recentes. Essas são as raízes desses termos.



Referências

CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida. Uma nova concepção científica dos sistemas vivos. Tradução: Newton Roberval Eichenberg. SP: Ed. Cultrix, 1996.

CUNHA, L. H. (2004) "Da "Tragédia dos Comuns" à Ecologia Política: Perspectivas Analíticas para o Manejo Comunitário dos Recursos Naturais". Raízes, Campina Grande, Vol. 23 n°s 01 e 02

DIEGUES, Antonio Carlos. O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: 2ªEdHucitec, 1998.

DIAS, Reinaldo. Turismo Sustentável e Meio Ambiente – São Paulo: Atlas, 2003

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2004.